



PADRE JOSÉ

um retrato dos seus 60 anos
no Colégio Santa Cruz

Publicação comemorativa dos 63 anos de Colégio Santa Cruz, 60 deles sob o olhar zeloso do padre José Amaral de Almeida Prado. A reportagem “Padre José: sacerdote da esperança, educador de minúcias” é parte de uma série mais abrangente, “Santa Cruz de perfil” (de retratos diversos, com padres, educadores e funcionários da escola), encomendada ao jornalista Camilo Vannuchi (ex-aluno da turma de 1996), que pretende reunir e recuperar a história do Colégio.

Setembro de 2015

PADRE JOSÉ

sacerdote da esperança,
educador de minúcias

Primeiro brasileiro a ingressar na Congregação de Santa Cruz, José Amaral de Almeida Prado estreou como professor do colégio aos 25 anos. Seis décadas depois, o discreto ex-professor e ex-diretor mantém o cargo de presidente do Conselho de Administração e passeia diariamente pelo campus: “o colégio está no auge”.

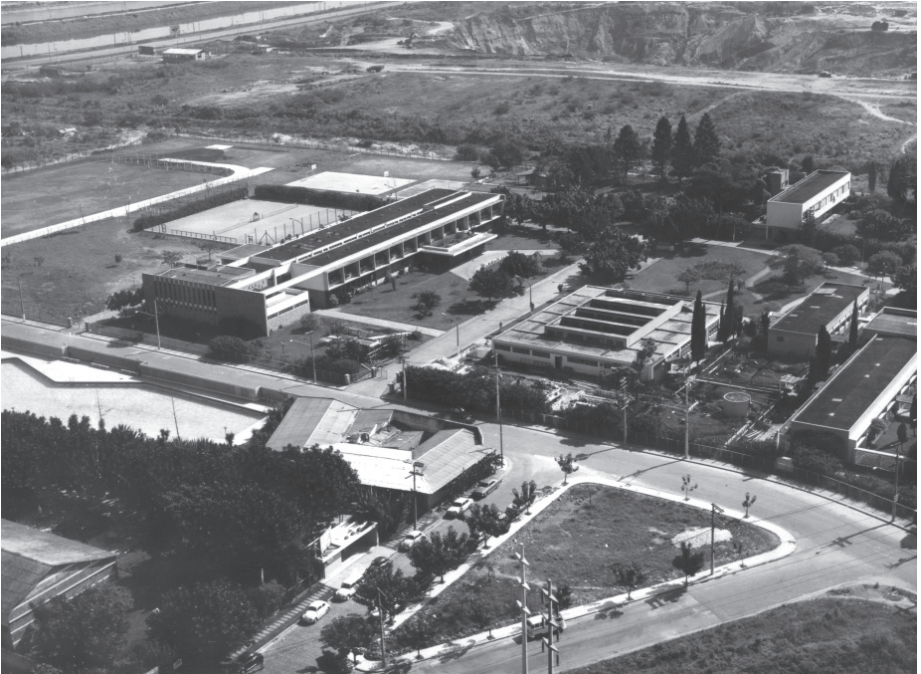
Por Camilo Vannuchi

Os passos são curtos e lentos. A mente, vasta e veloz. Ao cruzar o pátio do Fundamental II na hora do intervalo, Padre José é subitamente interceptado por um grupo de pré-adolescentes uniformizados. Fazem-lhe o cerco, ruidosos. Padre José arregala os olhos, surpreso, e prontifica-se a atender à audiência. Fosse um pouquinho mais baixo, seria engolido pela garotada alvissareira. Em vez de perguntas ou cobranças, o que ouve são elogios e agradecimentos. Recebe beijos e abraços. Pedem-lhe a bênção. Um menino pergunta se o padre poderia benzer-lhe a bola. É nova. Uma jovem relata doença na família e recebe a promessa de uma oração. O religioso sorri, satisfeito, e retribui o carinho com as mãos trêmulas e a voz compassada. Transforma calorosa recepção em combustível para a alma. Aos poucos, o cerco se desfaz. Retoma a caminhada alguns centímetros mais alto: cabeça a prumo, o corpo menos alquebrado, feliz. Os passos são curtos e lentos. A mente, vasta e veloz.

Aos 84 anos, Padre José veste um cardigã cinza e, por vezes, recorre a uma boina de veludo com aba para se proteger do sol ou do frio. A calvície é sua companheira há 40 anos. Usa óculos de aros metálicos que combinam com seu olhar aguçado e seu espírito meticoloso. Os gestos são sempre comedidos, planejados, como as palavras. A ordem por base, o progresso por fim. O ambiente, no entanto, costuma pregar-lhe peças e subverter o programado com incerta frequência. Nessas ocasiões, bastam alguns segundos para se recompor e ajustar o leme. De repente, instantes depois de passar diante de uma sala de aula, nova tempestade: “Padre José!” Ele estanca mais uma vez e empreende um giro de 180 graus para ver o que se passa. É a professora de inglês do 5º ano que vem em seu encalço. Ousou largar os alunos, compenetrados numa lição, para vir abraçá-lo no corredor. Padre José enrubesce. Instantes depois, outra professora conduz sua turma de crianças pelo corredor, em busca de um cantinho no jardim para uma atividade ao ar livre. Instala-se o caos. Elas querem cumprimentá-lo. “Ah, padre, quem não adora você?”, a professora provoca. “Adorar, somente a Deus”, ele responde, teatral, rebatendo a provocação com um chiste.

Finalmente, Padre José alcança seu destino. Ele quer mostrar ao repórter a Rua Orobó, o pequeno portão que servia de entrada quando o campus do colégio se resumia às duas alas hoje ocupadas pelo Ensino Fundamental II. Diante dele, não havia Anhemi Tênis Clube nem Praça Padre Charbonneau. Quase que somente mato e terrenos baldios. “O primeiro dia de aula foi a Quarta-Feira de Cinzas de 1957”, ele conta. Dia 20 de março, segundo os calendários da época. “Chovia muito. Tivemos de improvisar uma tábua para que as crianças pudessem atravessar a enxurrada junto ao meio-fio”. Não havia muro nem cerca. Por muitos anos foi assim. “Depois, fizeram uma cerca, mas apenas na Rua Orobó; todo o resto não era cercado”, lembra.

Os alunos chegavam de carro. O colégio ocupava uma gleba de 50 mil metros quadrados doada pela Light numa área de loteamento recente, próxima ao Rio Pinheiros, retificado anos antes. No bairro, de futuro promissor, o número de terrenos baldios superava o de casas, e a população de bezerros era maior do que a de pessoas. O ponto de ônibus mais próximo



Construção dos pavilhões principais do Colégio Santa Cruz: as aulas no campus começaram em 1957.

ficava na Praça Roquete Pinto, no cruzamento das atuais avenidas Pedroso de Moraes e Frederico Hermann Jr., a 30 minutos de caminhada por ruas de terra. Os professores vinham numa perua contratada pelo colégio. Todas as manhãs, por volta das 7h, o veículo os buscava na junção da Avenida Paulista com a Rua da Consolação. Padre José, professor de português, latim e religião, serviu-se desse sistema por meses, até se mudar de Higienópolis para a nova residência dos padres, um sobrado modernista com amplos dormitórios construído nos fundos do campus — de frente para um córrego que, duas décadas depois, desapareceria sob a Avenida Arruda Botelho.

Apesar da distância, da dificuldade de acesso e dos pernilongos que insistiam em comparecer às aulas, a vida no campus era motivo de entusiasmo para todos os religiosos de Santa Cruz envolvidos no projeto.

Sua inauguração representava a realização do sonho de Padre Lionel Corbeil, fundador do colégio e superior da congregação no Brasil, para quem a escola ideal deveria ocupar um grande terreno, com pavilhões de um ou dois andares, no máximo, e muito espaço para a prática de esportes. Comemorada por todos, a transferência para o novo imóvel significou uma lufada de liberdade para os quase 200 alunos e seis padres que, até dezembro do ano anterior, espremiavam-se num casarão cedido pela Arquidiocese de São Paulo, em Higienópolis, onde tudo começou.

O Colégio Santa Cruz nasceu Ginásio Santa Cruz, em 1952. Eram apenas duas turmas com 30 alunos cada quando as primeiras aulas foram dadas no número 890 da Avenida Higienópolis. O casarão fora cedido pela Cúria Metropolitana, por iniciativa do então arcebispo de São Paulo, o Cardeal Motta (Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta). Desde 1946, ciente do trabalho apostólico realizado pela Congregação de Santa Cruz junto a instituições de ensino — entre elas a Universidade Notre Dame, no estado norte-americano de Indiana, e dois colégios em Quebec, no Canadá: o Notre Dame, onde Corbeil havia estudado, e o Saint Laurent, onde lecionara —, o arcebispo vinha insistindo para que se inaugurasse um colégio na cidade. Fizera uma solicitação para que os padres de Santa Cruz, que já dirigiam uma escola primária (hoje fundamental I) no Jaguaré, assumissem o Colégio Anglo-Latino, fechado havia pouco. Mas o braço brasileiro da congregação estava decidido a fundar o próprio colégio.

No Canadá, o então superior geral da congregação, Padre Albert Cousineau, hesitava em expedir a esperada autorização para a formalização do colégio. Primeiro, ele dizia, era preciso oficializar a paróquia do Jaguaré e construir uma igreja naquele bairro, sede dos missionários de Santa Cruz em terras brasileiras. Fora com essa missão que três jovens congregados — os padres Lionel Corbeil, Oscar Melanson e Guillaume Dupuis — deixaram Montreal em 8 de dezembro de 1943 para chegar a São Paulo exatamente um mês depois, após passarem o Natal e o Ano Novo no Rio de Janeiro.

Apenas em abril de 1945, um ano e quatro meses após o desembarque dos missionários, a Companhia Imobiliária Jaguaré, na figura de seu presidente Henrique Dumont Villares, oficializou a doação do terreno para a implantação da paróquia. A residência dos padres foi construída no ano seguinte e apenas em setembro de 1948 deu-se início à edificação da igreja. Faltava colocar o colégio na agenda.

Entre 1949 e 1950, apesar da promessa do Cardeal Motta de doar um imóvel da Arquidiocese e a despeito da sinalização da Light de que cederia um terreno para a construção de um colégio mais moderno e espaçoso, Padre Cousineau desconversava. Naquele momento, o superior geral demonstrava preferência por fundar um colégio no Haiti. Em outras palavras, o Santa Cruz quase fez água antes mesmo de existir. A autorização oficial para sua instalação só chegaria em junho de 1951, após o fim do mandato do Padre Cousineau e a posse, como superior geral, de Padre Christopher O'Toole.

Em seis meses, o casarão de Higienópolis foi reformado. Um grupo de estudantes que transformara o local numa espécie de república teve de abandonar o prédio em dezembro. Em janeiro de 1952, já havia duas classes montadas, com lousas e carteiras, além de secretaria, refeitório, cozinha e uma pequena biblioteca. A primeira sala, à esquerda da porta de entrada, teria uso misto: encampada por Padre Corbeil, ela funcionaria como diretoria durante o dia e, à noite, seria convertida em dormitório. Por muitos anos, mesmo após a transferência para o Alto de Pinheiros, o diretor do colégio e superior da congregação no Brasil manteria o costume. Sua cama, espécie de divã sem cabeceira, ganhava um par de almofadas e transformava-se em sofá nas primeiras horas da manhã. Lençol, cobertor e travesseiro encontravam seu lugar no armário e o ambiente estava pronto para as atividades pedagógicas. Entrevistas com pais de alunos, reuniões com educadores, conferência de documentos, tudo era feito ali. Findo o expediente, bastava estender o lençol e tirar os sapatos para que a sala adquirisse novamente os contornos de quarto.

Restrito a rapazes, o Ginásio Santa Cruz, equivalente ao atual Fundamental II, funcionava como semi-internato, com atividades curriculares das

8h às 17h. Ali era feito o almoço, descendo um lance de escadas, além de estudos orientados e práticas esportivas, numa quadra construída nos fundos do terreno. Havia uma capela em frente à secretaria, e os alunos recebiam orientação espiritual individual. Bastava atravessar a rua para chegar ao Colégio Nossa Senhora do Sion, tradicional colégio católico para moças, fundado em 1901. A proximidade estimulava muitas famílias a matricular as filhas numa escola e os filhos na outra. Alguns dos mais respeitados primários de São Paulo, como o Elvira Brandão, o Assis Pacheco e o Nossa Senhora das Graças (Gracinha), educavam crianças de até 11 anos, equivalente ao atual quinto ano do ensino fundamental, e passaram a encaminhar alunos para o Santa Cruz. Já em 1952, o número de candidatos a ingressar na turma inaugural, no primeiro ano do ginásio (atual sexto ano), superou o número de vagas.

Numa cidade que já contava com importantes ginásios católicos para homens, como o São Bento, no Centro, e o São Luís, na Avenida Paulista, o Santa Cruz despontou como uma alternativa moderna, considerada progressista. Seus padres mostravam-se alinhados às bandeiras da Doutrina Social da Igreja, então fortalecida sob a condução do Papa Pio XI, e intensamente envolvidos com as atividades da Ação Católica, conjunto de movimentos sociais em fase de implantação no Brasil, entre os quais teriam destaque a Juventude Universitária Católica (JUC), a Juventude Estudantil Católica (JEC) e a Juventude Operária Católica (JOC). Fez tanto sucesso que, desde o primeiro ano, o Santa Cruz foi obrigado a lidar com o excedente de candidatos. Quase sempre, indicava alunos para o Santo Américo, outro semi-internato católico, na vizinha Vila Buarque, fundado no ano anterior por padres beneditinos húngaros.

Foi no primeiro endereço do Santa Cruz, no casarão da Avenida Higienópolis, que Padre José, ordenado em 1953, debutou como professor, em 1955.

José Amaral de Almeida Prado nasceu em Jaú, em 14 de novembro de 1930, “véspera do aniversário da proclamação da República”. Foi o sétimo

filho numa escadinha de dez. “Era o padrão na época”, ele diz, afirmando que quase todos os tios também tiveram entre oito e 12 filhos cada. Seu avô, também pai de dez filhos, nascera em Porto Feliz, trabalhara numa fazenda de açúcar em Piracicaba e, já casado, estabelecera família em Jaú, onde montara uma fazenda de café no final do século XIX. Chegou a possuir escravos e desempenhou, com os irmãos, grande influência política na região. “Os Prado mudavam o quadro eleitoral. Éramos a família, digamos assim, dominante ali, cultural, política e financeiramente”, afirma, sem disfarçar a crítica social. “Havia políticos na família, políticos que ajudariam a formar a UDN”, conta. A UDN, ou União Democrática Nacional, foi um partido conservador criado em 1945 por setores oligárquicos que haviam rompido com Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

“Eu sentia o cheiro da escravidão”, diz Padre José. O sacerdote refere-se às empregadas que trabalhavam em sua casa e nas de seus tios: todas ex-escravas da fazenda de seu avô. “Eu vivi o Jaú antes da Segunda Guerra. A gente chamava sempre de ‘o’ Jaú. Depois da Guerra, melhorou muito. Chegaram os americanos, o mundo não europeu. Antes, tínhamos louça francesa, comia-se à francesa. A gente sabia que não era igual aos outros, e os outros sabiam que a gente não era igual.” Essas lembranças marcariam a memória do padre, influenciando sua escolha por uma vida sem luxo, dedicada à educação, ao trabalho e à propagação de valores que em nada remetiam à cultura escravocrata de seus antepassados.

O pai de José também teve fazenda de café, menor e mais modesta do que as fazendas dos irmãos mais velhos. Mas era sobretudo um intelectual. Foi sua sorte. Quando José nasceu, em 1930, a lavoura cafeeira paulista havia mergulhado numa crise sem precedentes, provocada pelo colapso da Bolsa de Nova York no ano anterior, que abalara toda a economia mundial. Com a falência de muitas empresas e famílias nos Estados Unidos, foi preciso resumir despesas e evitar gastos desnecessários. O consumo de café, importado do Brasil pelos americanos, foi um dos primeiros hábitos sacrificados, de modo que o preço da arroba despencou e safras inteiras foram perdidas. “Meu pai saiu da crise lecionando. Ele tinha estudado num

colégio marista muito bom, o Arquidiocesano, e cursara engenharia na Poli (Escola Politécnica da USP) por dois anos. Dava aulas de matemática, português, latim.”

Em 1942, a família se mudou para São Paulo. Contrariando a opinião dos irmãos, o pai de José vendeu a casa de Jaú e comprou uma casa na Rua Maria Figueiredo, no Paraíso, decidido a trabalhar na capital e recuperar o poder aquisitivo. Sua intenção era garantir que os filhos fizessem faculdade. “Ele dizia: ‘não vou deixar herança para vocês, mas vou dar uma carta’; a carta era o diploma”, conta José. “Todos fizeram faculdade. Quatro são doutores pela USP”.

José passou a adolescência naquela ladeira, entre a Avenida Paulista e a Rua Tutóia. Na verdade, apenas as férias ele passava ali. Já em 1941, antes mesmo da mudança para a capital, o menino de 11 anos havia ingressado no Seminário Menor Diocesano de São Carlos, onde permaneceu até completar o ginásio, aos 16. Em dezembro de 1946, concluiu o seminário menor e mudou-se finalmente para a casa dos pais, na capital, disposto a se matricular no seminário maior, equivalente ao curso clássico ou colegial (hoje ensino médio), no Ipiranga. Decidido a tornar-se um padre religioso, ligado a uma ordem, solicitou sua entrada na Congregação de Santa Cruz. Foi a primeira vez que a congregação liderada por Padre Corbeil acolheu um jovem brasileiro como postulante.

Seu interesse pelos “padres canadenses”, como eram conhecidos os religiosos de Santa Cruz, foi decorrência do envolvimento deles nas atividades da Ação Católica. Em meados dos anos 1940, Lia e Miriam, duas das irmãs de José, eram alunas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, mantida pelas Cônegas de Santo Agostinho em São Paulo, e frequentavam a Juventude Universitária Católica (JUC), braço da Ação Católica que se estruturava com o apoio da arquidiocese. Deflagrado no mundo inteiro sob a influência de pensadores franceses como o Padre Lebreton e o filósofo Jacques Maritain, a JUC tinha se desenvolvido bastante no Canadá. Por essa razão, já no início de 1945, Padre Corbeil fora designado para o cargo de assistente geral da JUC pelo Cardeal Motta. Em meados

daquele ano, envolveu-se pessoalmente na criação da JUC Feminina, a pedido das moças da Faculdade Sedes Sapientiae. Isso tudo para dizer que, encantadas com a atuação de Padre Corbeil e sua equipe, Lia e Miriam exerceram importante influência na escolha do irmão.

De 1947 a 1949, José formou-se em Filosofia no Seminário Maior do Ipiranga. De lá, transferiu-se para o Canadá, onde fez o noviciado e cursou quatro anos de Teologia. Em dezembro de 1953, voltou ao Brasil para ser ordenado. A cerimônia aconteceu na capela do Colégio Sion, na Avenida Higienópolis, bem em frente ao Ginásio Santa Cruz. Em mais uma temporada de um ano no Canadá, ao longo de 1954, José fez seis meses de estágio num dos colégios mantidos pela congregação em Quebec. Em janeiro de 1955, aos 24 anos e novamente no Brasil, Padre José matriculou-se no curso de Letras Neolatinas da USP e foi admitido como professor de religião e latim no Santa Cruz, onde também passou a morar.



A residência dos padres no Colégio (atual prédio da Educação Infantil) chegou a abrigar 12 religiosos.

Padre José foi um professor de minúcias. Se lhe faltavam a retórica e a verve do Padre Paul-Eugène Charbonneau, ilustrado intelectual canadense que se somou à equipe do colégio em 1959 e que viria a se tornar seu mais conhecido pensador, sobravam-lhe argúcia e acurácia. Era nos detalhes que Padre José corrigia e orientava os alunos, com zelo de miniaturista. Às aulas de religião e latim, somaram-se as aulas de português. “Hoje eu sou jornalista em parte graças a ele”, conta Ricardo Kotscho, aos 66 anos, aluno do ginásio entre 1959 e 1963.

Dono de quatro prêmios Esso, o mais importante do jornalismo brasileiro, e com uma passagem de dois anos como titular da Secretaria de Imprensa e Divulgação do Governo Federal, entre 2003 e 2004, Kotscho lembra que entrou na escola praticamente sem saber gramática. “Fui alfabetizado em alemão”, conta. “Aos 6 anos, me colocaram numa escola brasileira, mas eu tinha sotaque, falava mal, escrevia mal. Fui aprender português no ginásio, com o Padre José. Ele teve uma paciência comigo...”. Segundo o jornalista, que precisou repetir um ano, o professor não apenas corrigia suas redações como sentava a seu lado para rever ponto por ponto, explicando cada correção feita. “Outro dia a gente se encontrou e ele comentou com a minha mulher: ‘o problema do Ricardo é que ele escrevia muito; suas redações eram muito longas, me davam muito trabalho’”.

Além de ensiná-lo a escrever, Padre José teve importante papel na orientação de Kotscho num momento delicado de sua vida. “Meu pai morreu quando eu estava na 2ª série e os padres me adotaram. Me deram bolsa, eu era coroinha, às vezes ia almoçar na casa dos padres. Tive meu primeiro contato com a população carente participando das expedições que fazíamos ao Centro para levar sopa, cobertor e remédios à noite, com o grupo da OAF (Organização do Auxílio Fraternal, criada em 1955). E Padre José foi um cara discreto, com um jeito simples, de caipira do interior, que destoava do perfil mais exuberante dos diretores canadenses. Era um padre dedicado, paciente, que nunca expulsou aluno da sala, e que dava uma aula muito metódica.”

Naquela época, virada da década de 1960, Padre José lecionava português e latim — ambas formavam uma única disciplina, ministrada de

segunda a sexta, por duas horas, das 8h às 10h — no Curso Experimental, iniciativa pleiteada por Padre Corbeil e autorizada pelo Conselho Estadual de Educação. “Era uma permissão para fazer experiências pedagógicas, mexer na estrutura do ensino: número de aulas, disciplinas, nomenclatura, tudo que era muito rígido pôde ser modificado pelo colégio”, diz Padre José. Expedido o salvo-conduto, professores do Colégio Santa Cruz uniram-se a professores do Sion e do Des Oiseaux e, juntos, formularam uma proposta pedagógica na qual combinavam atividades da pedagoga polonesa Lubienka de Lanval, herdeira da escola montessoriana, com as de seu colaborador, o educador e padre francês Pierre Faure.

A essência do programa era substituir as aulas expositivas pela pesquisa. Valorizava-se o trabalho do aluno em sala de aula, criando-se condições para que ele construísse conhecimento ao buscar conteúdo, individualmente ou em grupo, para responder a uma ficha de questões formuladas pelo professor. Os alunos tinham 15 dias para completar as respostas, ou “fazer a quinzena” no jargão interno. Havia uma biblioteca à disposição e escaninhos para a garotada guardar a pesquisa em progresso. O professor introduzia o assunto com uma breve explanação. “As aulas tinham duas horas. A gente falava por 20 minutos e no resto do tempo os alunos faziam o trabalho”, conta. Mantido por quatro anos, até a formatura, em 1962, dos alunos que haviam ingressado no Curso Experimental em 1959, o método foi abandonado em seguida. Bem-sucedido do ponto de vista pedagógico, mostrara-se inviável financeiramente. As turmas de 20 alunos, menores do que as convencionais — que continuavam existindo, com 30 alunos —, não conseguiam empatar os gastos com folha de pagamento, estrutura e com os investimentos feitos em livros e outros materiais.

Em novembro de 1963, aos 32 anos, Padre José foi deslocado de suas aulas para assumir a direção do ginásio. Desde 1956, o Santa Cruz oferecia o curso ginásial e o curso científico. Acompanhou a evolução dos alunos, ou seja, quando a primeira turma, de 1952, completou a última série do ginásio, em dezembro de 1955, deu-se um jeito de preservá-la na instituição. Como as obras no Alto de Pinheiros demandariam pelo menos um ano para serem concluídas, e na impossibilidade de ampliar o casarão



Padre José como diretor do Ginásio no final da década de 1960.

de Higienópolis, o Ginásio Santa Cruz não obteve autorização formal para operar o segundo grau em 1956. A solução surgiu como imprevisto. Naquele ano, excepcionalmente, os 60 alunos das duas turmas do 1º ano do ensino médio matricularam-se no Colégio Sion, que emprestou duas salas para o colégio vizinho. Pela primeira vez, rapazes foram aceitos num colégio de moças, embora com corpo docente e currículo distintos.

Em 1957, quando enfim se transferiu para o novo bairro, o Santa Cruz já destinava uma ala às turmas do ginásio e outra às turmas do científico. Em 1958, fechou-se o ciclo: os alunos pioneiros de 1952 finalmente colaram grau. Já havia uma diretoria para cada curso quando Padre José assumiu a direção do ginásio, bem a tempo de acompanhar as transformações que abalariam o Brasil a partir de abril de 1964.

— **Avise o professor Constantino para ele mudar de tom.** Ou mudar de tema. Porque se não o fizer, vou denunciá-lo à polícia.

A ameaça foi feita por um pai de aluno exaltado, em audiência com o então diretor Padre José, nos estertores de 1964, o ano que não deveria ter começado. Sua revolta tinha sido motivada por uma aula de História do Brasil em que o responsável pela disciplina abordara a questão do petróleo. No dia 13 de março, dias antes do Golpe Militar, o presidente João Goulart fizera publicar o Decreto 53.701, estatizando as refinarias de petróleo e transferindo suas ações, consideradas de utilidade pública, para a já estatal Petrobras. A medida era uma das novidades previstas no pacote de reformas de base anunciado por Jango, que despertara a ira de parte do empresariado e, em poucos dias, ajudaria a deflagrar a deposição do presidente e a instalação de um governo ditatorial. Por certo, o professor Constantino Agazzi revelara-se simpático à política estatizante de Jango, o que soara como subversão aos ouvidos daquele pai de aluno. Fato é que, naquele momento, o diretor apenas consentiu: “Eu imediatamente falei para o professor Constantino mudar o tom. A gente sabia que eles torturavam mesmo. Foi o episódio mais tenebroso que eu vivi”.

No final de 1965, o professor Antônio da Silveira Mendonça entrou na sala do diretor. Precisava lhe falar.

— O Flávio foi solto. E está procurando emprego.

Flávio Di Giorgi era contemporâneo do professor Mendonça e do Padre José. Os três foram colegas na Faculdade de Filosofia da USP, na Rua Maria Antônia, em meados da década anterior. Aluno de Letras Neolatinas, Padre José era um ano mais novo do que os outros dois, colegas entre si no curso de Letras Clássicas. Ex-seminarista de Sorocaba, Di Giorgi era professor concursado na Unesp de São José do Rio Preto quando foi cassado e preso em meados de 1964, no primeiro grande movimento de caça às bruxas empreendido pelos militares após o golpe. Ficara mais de um ano preso e, finalmente, reconquistava a liberdade. Foi prontamente contratado a convite do Padre José. “Ele provavelmente tinha reputação de subversivo por desempenhar alguma militância social. Na prisão, dizia-se que ele

alfabetizava os carcereiros. Era um homem da palavra oral. Não fez carreira universitária porque não escreveu nem mestrado nem doutorado.”

Meses antes, o próprio Padre Eugène Charbonneau pegara os entusiastas do golpe no contrapé ao registrar sua análise do momento político e, em conformidade com a pregação social que fazia desde o Concílio Vaticano II (1961), consolidar seu pensamento sobre esquerda e direita no livro “Cristianismo, sociedade e revolução”, um calhamaço de mais de 500 páginas. “Se ser de esquerda é querer que sejam modificadas as inumanas estruturas que fazem o arcabouço de nossa vida econômica-social”, dizia o texto, “empenhar-se em apagar os vestígios ainda excessivamente numerosos do velho capitalismo liberal, exigir que haja uma justa distribuição das riquezas da nação, tomar a defesa do fraco contra o forte, recorrer a uma concepção que afirma o primado do trabalho e do homem sobre o lucro e o capital (...), se tudo isso é ser de esquerda, diremos que estamos na esquerda, e que é um dever estar nela. Mas se ser de esquerda é rejeitar a verdadeira democracia e optar por uma ditadura à russa, encerrar o povo em um dispositivo policial que destrói as liberdades, pensar através dos decretos impostos pelo Partido e negar a iniciativa particular e o direito de propriedade, nesse caso afirmamos que não o somos.”

Em seguida, a mesma estrutura retórica era aplicada à direita. O autor assinalava seu repúdio à opressão e aos privilégios, bem como seu apoio à democratização do acesso à propriedade privada. As críticas aos regimes totalitários, de esquerda ou de direita, não impediram Charbonneau de empreender, em 1967, uma viagem a Cuba, de onde voltou barbudo e fumando charutos. Se não podia ser chamado de revolucionário, no entanto, Charbonneau também não poderia ser tachado de conservador. Com forte presença na mídia, disseminava seus questionamentos em relação às ditaduras, de qualquer natureza, situando o Colégio Santa Cruz, por metonímia, na vanguarda da social-democracia — ou, como preferia, do “humanismo integral”, conforme definição dada nos anos 1930 pelo francês Jacques Maritain. Mais do que um traço da personalidade dos

padres canadenses, a independência política e intelectual transformava-se em pedra de toque do projeto pedagógico do colégio.

Para o ano letivo de 1969, um frade dominicano foi contratado como animador espiritual do ginásio, para trabalhar com Padre Lourenço. Seu nome era Tito de Alencar Lima. Em novembro do mesmo ano, Frei Tito foi preso pela polícia política, acusado de colaborar com a Ação Libertadora Nacional, organização armada liderada por Carlos Marighella. Deportado em janeiro de 1971, viajou por Chile e Itália antes de se estabelecer em Paris, onde cometeu suicídio em agosto de 1974, atormentado pelas lembranças da tortura. Em razão das circunstâncias, o livro de registros do colégio exhibe apenas a data de sua admissão. A demissão, meses depois, jamais pôde ser homologada.

Naquela época, Padre José já não integrava a direção do ginásio nem o corpo docente do Santa Cruz. Havia partido para um ano sabático no Rio Grande do Sul, em 1968, e, em 1969, lecionava Linguística Românica no Instituto Isolado de Ensino Superior de Marília, mais tarde vinculado à Unesp. Padre José trabalhou por dez anos em Marília, ao longo de toda a década de 1970. Entre 1974 e 1975, tirou uma licença para defender um doutorado em Língua Portuguesa pela USP, retomando a atividade no interior do Estado em seguida. Durante todo esse período, continuou morando na casa dos padres, no colégio, pelo menos parte da semana. Mesmo sem uma função pedagógica específica, manteve-se envolvido com os assuntos do colégio por todos esses anos. Assim, quando foi fundado o curso supletivo, em 1974, Padre José desempenhava o papel de conselheiro extraoficial do novo diretor, Sérgio Haddad.

Economista formado pela USP, Haddad fora aluno do colégio, onde concluíra o segundo grau em 1967, e nele ingressara como professor do ginásio em 1969, conciliando os estudos universitários com a atividade de professor. Deu aulas de História, Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil, até ser chamado para organizar o curso noturno para adultos, em 1973.

Nesse período, Padre Corbeil fazia parte do Conselho Estadual de Educação e fora um dos artífices da elaboração da legislação específica aprovada em 1973 para regulamentar o ensino supletivo. Seu objetivo era fazer com que o Santa Cruz fosse o primeiro colégio a abrir a nova modalidade de curso. Haddad preparou a casa para que a primeira aula acontecesse logo no ano seguinte. Quando tinha dúvidas e sentia a necessidade de desabafar ou pedir orientação sobre qualquer coisa, ele batia na porta do Padre José, de quem fora aluno uma década antes. “Ele era o meu canal”, conta. “Tínhamos muita afinidade. Padre José sempre foi uma pessoa culta, bem informada, com posições firmes, e, principalmente, que acreditava no trabalho de base, numa possibilidade de mudança social inclusiva, fundamentada na participação popular. Muito mais do que o Padre Charbonneau, que era um intelectual arrojado, mas que só concebia a transformação social por meio da elite cultural e intelectual.”

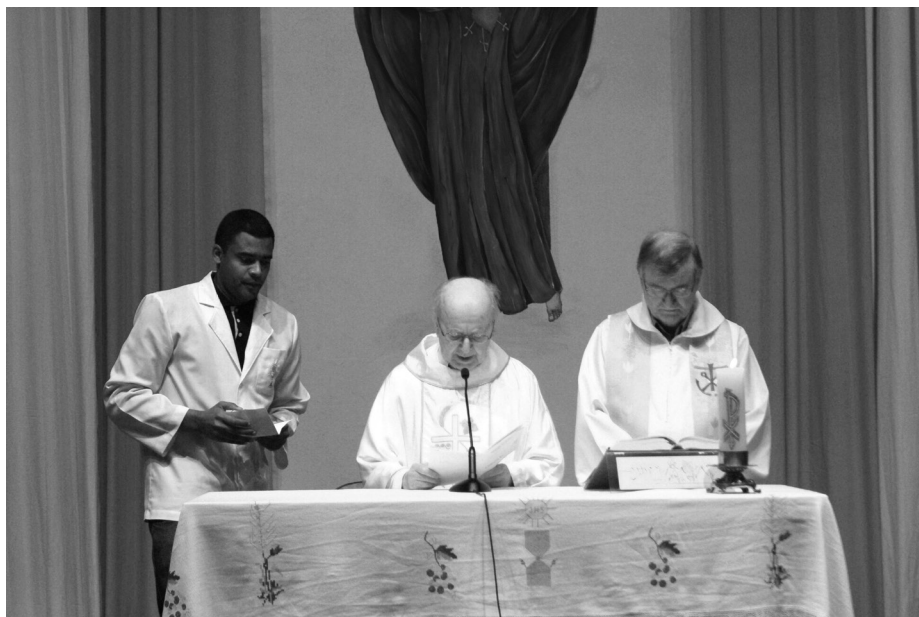
Aos poucos, o curso noturno foi ganhando espaço e reduzindo a distância que, no início, o separava do curso diurno, destinado à elite. Os alunos usavam as mesmas salas e carteiras e, após um ou dois anos, foi ampliado o acesso à biblioteca, antes fechada durante a noite. Padre José acompanhava tudo com entusiasmo. Animava-se ao ver a expansão do ensino no Colégio, essa espécie de universalização com que tanto se identificava. Agora, em meados da década de 1970, havia um Supletivo acessível a adultos pobres, um Curso Primário, e, sobretudo, um corpo discente misto, com moças e rapazes. “O Santa Cruz sempre conviveu com a pecha de ser um colégio de elite, mesmo antes de sua fundação”, conta. “Já nos anos 1940, alguns padres da congregação eram contrários à fundação do colégio nos moldes em que foi criado porque ele não atenderia aos mais pobres. A lógica dos que defendiam sua fundação era que o colégio, embora não fosse ter alunos pobres, formaria uma elite de cidadãos socialmente comprometidos, que indiretamente favoreceria os menos favorecidos. Com o supletivo, a função social do colégio aumentou. Hoje, os cursos noturnos têm 600 alunos, somando os de EJA (Educação de Jovens e Adultos) com os de nível técnico, sempre com gratuidade total. É mais do que muito colégio particular.”

Com a dissolução da faculdade de Letras de Marília, em 1980, Padre José foi transferido para a cidade de Araraquara, onde continuou ensinando a mesma disciplina até 1985, sempre pela Unesp. Em 1980, deixou também a residência dos padres no colégio para fundar uma Comunidade Eclesial de Base no bairro de Santa Mônica, distrito de Pirituba, na Zona Norte de São Paulo. Morou ali por dez anos, de 1980 a 1990, dividindo uma casa modesta com Padre Paulo. “Trabalhávamos junto ao povo, na perspectiva da Teologia da Libertação. Não tínhamos carro; morávamos no bairro, muito modestamente, misturados naquele meio popular. Foram anos muito ricos como experiência apostólica e humana.”

Na mesma época, acompanhou à distância a laicização do ensino no Santa Cruz. Não apenas o colégio havia crescido demais, sem que o número de vocações religiosas acompanhasse a demanda por professores e colaboradores, mas também a mudança do perfil dos alunos e da sociedade estimulava uma nova configuração, com a escolha de leigos para os cargos de direção. “Antes os alunos eram quase cem por cento católicos, e o Colégio levava isso em conta”, lembrou Padre José em 2008, durante a missa que celebrou em homenagem ao aniversário de 50 anos da formatura da primeira turma a concluir o segundo grau. “Hoje, a maioria ainda é católica, mas há uma forte minoria que segue outras religiões, e o Colégio também leva isso em conta.”

Padre José deixou Pirituba em 1990, quando foi chamado para trabalhar como formador no Postulantado do Jaguaré, a Casa de Formação. Havia candidatos a entrar na congregação, meia dúzia deles, e José assumiu a tarefa de orientá-los.

O novo milênio já estava despontando quando Padre José retornou ao colégio, em 2000. No ano anterior, submetera-se a três pontes de safena e uma mamária. Aos 70 anos, decidiu que era hora de reduzir a marcha. Sua residência já não era no campus, como antes, mas numa casa adquirida pelo colégio numa rua vizinha. A antiga residência dos padres, inaugurada



Padre José em ação: além das missas comemorativas, celebra até oito liturgias semanais.

nos anos 1950 à margem da Avenida Arruda Botelho, transformara-se num novo pavilhão, dedicado à recém inaugurada pré-escola. Na rua vizinha, Padre José dividia a nova casa com outros dois padres. Padre Corbeil, já idoso e enfermo, preso a uma cadeira de rodas, morreria em dezembro de 2001. Padre Agnelo Filinto, um indiano de Goa radicado no Brasil no final dos anos 1980, permaneceria como animador espiritual do colégio, responsável pela catequese e pela maioria das missas, até 2010, quando se mudou para o Canadá.

Hoje, Padre José segue sozinho em sua missão. Cavaleiro solitário, é ele o responsável por acompanhar a catequese e celebrar todas as missas: são seis por semana na capela do colégio e outras duas, aos domingos, na capela de São Francisco de Assis, na Vila São Francisco, além das liturgias especiais em datas comemorativas, como Dia das Mães, Páscoa, missas de formatura... Também recebe os pais de alunos candidatos à catequese,

primeira comunhão, curso de crisma, com os quais faz reuniões numa pequena sala colada à entrada do Ensino Médio. É a sala que ele chama de “minha”, muito embora não haja ali um enfeite sobre a mesa, um quadro, um livro sequer. Ele prefere assim. Abriu mão de uma sala com o triplo do tamanho, postulando o desapego de sempre: “Não preciso de nada, apenas de uma mesa para receber os pais e falar sobre a catequese.”

De manhã, costuma caminhar na pista de atletismo que circunda o campo de futebol. Dá duas ou três voltas no campão, lentamente. Uma labirintite crônica exige dele cautela e paciência. Duas vezes por semana, faz fisioterapia para fortalecer a musculatura e, principalmente, firmar o equilíbrio. Não falha um dia. São recomendações médicas, afinal, e Padre José faz o tipo “caxias”, aplicado demais para cabular compromissos. Rogério, o assistente, o acompanha nas diversas atividades, inclusive nas caminhadas, e faz as vezes de motorista.

Periodicamente, Padre José reúne-se com os demais membros do Conselho Administrativo do colégio, o qual preside. “Um pouco presidente honorário, na verdade; quem monta a pauta é o Fábio”, relativiza, referindo-se a Fábio Aidar, diretor geral. Criado ainda na gestão de Padre Corbeil, o conselho permaneceu por algum tempo como uma entidade pró-forma, segundo ele. “Corbeil era um executivo forte, que decidia sozinho. Seu sucessor, o professor Luiz Eduardo Magalhães, manteve um pouco do paternalismo do Corbeil, mas a atuação do conselho já melhorou muito. Com a vinda do professor Fábio, o conselho criou nervos e ossos. Hoje é um conselho no verdadeiro sentido da palavra. Eles realmente opinam, discordam, concordam. Fábio é um excelente administrador, cria condições para que o conselho administrativo funcione com autenticidade.” São dez conselheiros, entre membros da diretoria, ex-alunos, educadores e dois padres da congregação, ele e Roberto Grandmaison. Recentemente, decidiram pela construção de uma garagem subterrânea, a fim de eliminar os carros e liberar as alamedas para o trânsito exclusivo de pedestres.

No início de 2014, o pavilhão ocupado pelo Ensino Fundamental II foi batizado com o nome de Padre José de Almeida Prado. Fixado em letras azuis



Padre José posa em frente ao prédio que leva seu nome: reconhecimento perene.

sobre a entrada do pátio azul — como é conhecido o amplo salão onde os alunos tomam lanche e extravasam durante o recreio — o nome pode ser lido através da parede de vidro da capela por quem assiste às missas celebradas pelo homenageado, de segunda a sexta, às 18h30, e aos domingos, às 19h30. Enquanto passeia pelo colégio, Padre José nem lembra que seu nome está fixado ali. Sua atenção volta-se toda para a criançada, razão de ser de qualquer colégio, fermento da massa dos melhores mestres, pletora de sonhos e ideais.

O que seus olhos enxergam, entre salas, quadras e jardins, confirma os melhores prognósticos feitos por Padre José ao pisar o colégio pela primeira vez, seis décadas atrás. Para ele, não tem essa de “no meu tempo isso, no meu tempo aquilo”. Seu tempo é hoje. E o colégio, ele afirma, nunca esteve melhor. “Está no auge. Não tenho a menor dúvida. Sob todos os pontos de vista”. Não demora e outra criança vem correndo lhe dar um abraço. Padre José retribui com atenção e afeto. Pergunta da família, promete uma oração, abençoa uma bola. Sobretudo, sorri. Segue adiante satisfeito, com a escola e com a vida. Os passos, curtos e lentos. A mente, vasta e veloz.



Discurso na Festa Junina de 2015: Padre José abençoa o evento.

Série “Santa Cruz de perfil”

Projeto Editorial:

Fábio Luiz Marinho Aidar Jr.
Cristine Conforti
Alejandro Miguez

Redação:

Camilo Vannuchi

Projeto Gráfico:

Fabiana Fernandes

Revisão de Texto e Pesquisa de Imagens:

Tânia Sandroni

Fotos:

Acervo do Colégio Santa Cruz

